

Questões de gênero e sexualidade no espiritismo: escritos de Kardec, interpretações e obras mediúnicas do movimento espiritismo brasileiro

Gender and sexuality issues in Spiritism: Kardec's writings, interpretations and mediumistic works of the Brazilian spiritist movement

Adair Ribeiro Júnior¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as abordagens sobre gênero e sexualidade nos textos originais de Allan Kardec, comparando-as com as interpretações, escritos e práticas no espiritismo brasileiro. Para isso, faz uso de revisão bibliográfica, obras publicadas pelo fundador da doutrina espírita no século XIX, livros de médiuns proeminentes brasileiros, como Chico Xavier e Divaldo Franco, além de outros autores que buscam aliar princípios espíritas ao conhecimento científico atual. Como resultado, observa-se diversidade nas interpretações e práticas que geram tensão entre os espíritas, com adoção de estratégias discursivas específicas em visões mais tradicionais quando comparadas a pensamentos progressistas no interior do movimento espírita brasileiro. Enquanto parte dos adeptos busca alinhar a doutrina com características progressistas e científicas, reconhecendo a construção social de gênero e a normalidade da diversidade sexual, o movimento hegemônico mantém interpretações mais conservadoras, baseadas em discursos biologicistas e de críticas a conceitos modernos.

Palavras-chave: Allan Kardec; Espiritismo Brasileiro; Gênero; Sexualidade; Homossexualidade.

Abstract

This article aims to analyze the approaches to gender and sexuality in Allan Kardec's original texts, comparing them with the interpretations, writings and practices of Brazilian Spiritism. To this end, it makes use of a bibliographical review, works published by the founder of the spiritist doctrine in the 19th century, books by prominent Brazilian mediums, such as Chico Xavier and Divaldo Franco, as well as other authors who seek to combine spiritist principles with current scientific knowledge. As a result, there is a diversity of

¹ Especialista, mestrado em andamento em Ciência da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. <https://orcid.org/0009-0000-6030-1321> Email: adairrj@gmail.com

interpretations and practices that generate tension among Spiritists, with the adoption of specific discursive strategies in more traditional views when compared to progressive thoughts within the Brazilian Spiritist movement. While some followers seek to align the doctrine with progressive and scientific characteristics, recognizing the social construction of gender and the normality of sexual diversity, the hegemonic movement maintains more conservative interpretations, based on biologicist discourses and criticism of modern concepts.

Keywords: Allan Kardec; Brazilian Spiritism; Gender; Sexuality; Homosexuality.

Introdução

As religiões frequentemente estabelecem normas e códigos de conduta que influenciam a expressão da sexualidade e das relações interpessoais. No Brasil, elas tendem, em sua maioria, a restringir a expressão da sexualidade, buscando normatizações. Essa atitude pode ser expressa em discursos que misturam saberes religiosos, científicos e outros, frequentemente hierarquizando as sexualidades e desqualificando homossexuais e a homossexualidade. Pessoas cuja sexualidade é considerada inadequada ou proibida por sua crença religiosa podem vivenciar uma dissonância entre sua intimidade e as normas religiosas. A relação entre religião e sexualidade é um tema atual e tem gerado intensos debates públicos (Ribeiro, Scorsolini-Comin, 2017).

Allan Kardec (Denizard Hippolyte Léon Rivail, 1804-1869) é considerado o fundador do espiritismo no século XIX, responsável por organizar os ensinamentos espíritas em obras que integram o seu *corpus* doutrinário, incluindo *O Livro dos Espíritos*, que inaugurou a nova doutrina na França em 1857 (Kardec, 1869a, p. 3). Os conceitos de gênero e sexualidade tal como são compreendidos hoje, como constructos teóricos, não existiam formalmente à época de Kardec. Apesar disso, abordagens tratando de temas como “sexo”, “mulheres”, “feminino” e “masculino” já eram discutidas socialmente no contexto francês da época e foram pautadas pelo codificador da doutrina espírita

em diversos de seus escritos (Kardec, 1858b, pp. 511-513; 2018 [1860]; 1866b, pp. 13-18; 1867, pp. 227-236).

O espiritismo expandiu-se significativamente no Brasil, se institucionalizando como um movimento religioso e, aqui entendido por seus adeptos, com características de tríplice pertença: religião, ciência e filosofia. A vasta produção bibliográfica brasileira, especialmente a mediúncia², tornou-se referência para os seguidores dessa doutrina ao lado das obras de Kardec (Arribas, 2019). Dentro do pensamento hegemônico de um dos maiores grupos religiosos do país a temática sobre gênero e sexualidade tem se tornado cada vez mais relevante, desafiando os seguidores a compreenderem as relações humanas, posições e papéis sociais dos homens e das mulheres e as identidades sexuais através de interpretações dos textos espíritas. A fé espírita é conceituada como "raciocinada", sendo descrita por Kardec como uma "fé inabalável" que "pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade" (Kardec, 2013 [1866a], pp. 255-256). Esta perspectiva convida seus adeptos a abordar questões contemporâneas à luz desse entendimento.

O objetivo deste artigo é analisar como a complexa temática de gênero e da homossexualidade é representada e discutida no contexto espírita, explorando a evolução do pensamento desde a França e as percepções sobre o tema de alguns dos principais expoentes do espiritismo nacional. Para tal fim, além da revisão bibliográfica, são utilizados textos de Kardec que discutem a suposta natureza do espírito, a reencarnação em diferentes sexos e analisam o papel da mulher. Esses entendimentos são comparados com posicionamentos mais recentes presentes em alguns livros *best-sellers* de médiuns proeminentes, pós-1960, como Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco, bem como de outros autores que buscaram

² Relativo ao termo médium – do lat. *medium*, meio, intermediário. Pessoa acessível à influência dos espíritos e mais ou menos dotada da faculdade de receber e transmitir suas comunicações. Distinguem-se diversas variedades de médiuns, conforme sua aptidão particular para este ou aquele modo de transmissão, ou tal ou qual gênero de comunicação (Kardec, 1858a, p. 25).

integrar princípios do espiritismo ao conhecimento científico contemporâneo. Os textos foram selecionados pela atualidade e relevância das pesquisas desenvolvidas em uma das maiores tradições religiosas do país.

O artigo segue um caminho que se inicia com as discussões sobre gênero e sexualidade presentes nas fontes primárias do espiritismo francês do século XIX. Em seguida, aborda a introdução da doutrina espírita no Brasil e a formação de um modelo de espiritismo que se afastou de sua caracterização original. Este distanciamento resultou de interpretações que passaram a incorporar elementos de um *ethos* católico e religioso presente na cultura brasileira, além de conteúdos de novas produções literárias que foram consideradas como parte integrante do *corpus* doutrinário espírita, sob a coordenação da Federação Espírita Brasileira (FEB). Na sequência discutimos como as algumas obras espíritas que surgiram a partir da mediunidade de Chico Xavier e Divaldo Franco, além de outros autores que se tornaram referência no meio espírita, passaram a discutir a temática da homossexualidade e de gênero, relacionando-a com conceitos mais atuais apresentados pela ciência e as conseqüentes tensões internas do movimento espírita. Por último, examinamos as questões de gênero no contexto espírita e a perceptível mudança de direção do ideal igualitário, apresentando exemplos de mulheres espíritas que se engajaram na luta pela igualdade e se destacaram no mercado editorial espírita.

Allan Kardec e as primeiras reflexões sobre sexo e gênero

O tratamento dado à homossexualidade no século XIX foi amplamente marcado pela condenação moral, por interpretações religiosas ocidentais restritivas (católicos e protestantes). Embora a França tenha descriminalizado as relações homossexuais entre adultos após a Revolução Francesa, a homoafetividade continuava a ser socialmente estigmatizada. No âmbito das religiões cristãs, prevalecia um discurso hegemônico que considerava a

homossexualidade um pecado contra a natureza humana, com base em interpretações de livros como *Gênesis* e *Levítico* (Guimarães, 2017; López, 2016).

Questões sobre sexo e sexualidade foram abordadas de forma limitada nas obras fundamentais do espiritismo³. Nos poucos textos em que o termo “sexo” aparece, ele está mais relacionado à condição do “espírito desencarnado”. Em *O Livro dos Espíritos*, o tema “Sexos nos Espíritos” é tratado por meio de apenas três perguntas diretas (Kardec, 2018 [1860], p. 131). Na primeira, os ensinamentos kardecistas afirmam que o espírito não tem sexo (órgão que diferencia o masculino do feminino), pois este dependeria apenas do organismo físico. Existiria amor e simpatia entre os seres espirituais, resultado da concordância de sentimentos, atributos do espírito e, portanto, sem qualquer relação com o corpo material. Em resposta à segunda questão, abordada na pergunta 201 de *O Livro dos Espíritos*, afirma-se a alternância e a necessidade de sucessivas encarnações em corpos de diferentes sexos. Este processo é tratado com naturalidade, sendo considerado uma necessidade para a educação contínua e progressiva do ser espiritual. Quanto à preferência da escolha do sexo em uma nova encarnação, abordada na terceira questão, a resposta encontrada é que isso “pouco importa”, pois o que nortearia o espírito na escolha de um novo corpo material, fazendo uso de seu livre-arbítrio, são as provas pelas quais ele deve passar para o seu caminho evolutivo. Kardec complementa esse entendimento observando que os espíritos precisam progredir em tudo, fazendo uso de corpos masculinos e femininos em suas encarnações, obrigatórias para a educação do espírito e aquisição de variadas experiências (Kardec, 2018 [1860], pp. 119-120).

As questões sobre gênero à época de Kardec eram embrionárias e seguiam a historicidade das relações sociais, mantendo certo conservadorismo típico das tradições cristãs. Embora o conceito de gênero não existisse como constructo

³ Denominação dada por Kardec aos livros de sua autoria que integram essa categoria em seu *Catálogo Racional para se formar uma biblioteca espírita* (Kardec, 1869a, p. 3).

teórico, Kardec discutiu aspectos de "feminilidade e masculinidade", relacionando-os à reencarnação alternativa em corpos de homem ou mulher e suas possíveis influências nos contextos sociais, como desigualdades e servidão.

Em um texto publicado na *Revista Espírita*⁴ de janeiro de 1866, intitulado "As mulheres têm alma?", Kardec defendeu o direito das mulheres ao curso superior, afirmando que as desigualdades de gênero seriam baseadas na ignorância e na força bruta, decorrente das doutrinas materialistas, e da subjugação masculina. Defendeu que o reconhecimento da igualdade da mulher e sua emancipação seriam direitos naturais, princípios presentes no espiritismo, que viriam com o progresso da humanidade (Kardec, 1866b, pp. 13-18).

A doutrina materialista coloca a mulher numa inferioridade natural, da qual só é elevada pela boa vontade do homem. [...] Com a Doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples teoria especulativa; já não é uma concessão da força à fraqueza, mas um direito fundado nas próprias leis da Natureza. Dando a conhecer essas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade (Kardec, 1866b, p. 18, grifos nossos).

Nesse mesmo artigo, Kardec também tratou da questão de supostos comportamentos homossexuais, aos quais chamou de "certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres" (Kardec, 1866b, p. 17). Na sua tentativa de explicar "tais comportamentos" à luz da nova doutrina, defendeu que existiriam repercussões em novas encarnações com mudança de sexo com relação à encarnação precedente. Desta maneira, o espírito poderia conservar "os gostos, as inclinações e o caráter inerente ao sexo que acaba de deixar" (Kardec, 1866b, p. 17). Conclui o texto, abordando as questões com naturalidade sob a ótica dos princípios espíritas. Afirmou que as

⁴ Periódico mensal lançado por Kardec em janeiro de 1858, considerada uma das obras fundamentais do espiritismo.

diferenças entre homens e mulheres existiriam somente no organismo material, “que se aniquila com a morte do corpo; mas quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe, porque não há duas espécies de almas” (Kardec, 1866, pp. 17-18).

Em outro de seus escritos, “Emancipação das mulheres nos Estados Unidos” (Kardec, 1867, pp. 227-236), Kardec criticou os privilégios que eram atribuídos a certas “raças” em detrimento de outras, que eram decorrentes da cor da pele, de posições sociais, da condição física, e cujos fundamentos não levavam em consideração o princípio espiritual. Diferente do *status quo* do então pensamento europeu, escreveu também que o espiritismo defendia o direito das mulheres às mais variadas posições sociais, pregando a igualdade de seus direitos, em especial ao trabalho em empregos públicos e ao voto eleitoral, novamente destacando o papel da mulher e naturalizando a emancipação feminina.

Aliás, a geração que se ergue traz em seus flancos a mudança que nos é anunciada desde muito tempo, e a mulher atual quer ter, na sociedade, um lugar igual ao do homem. [...] antes deveríeis regozijar-vos que vos afligir com a emancipação da mulher, e admiti-la no banquete da inteligência, abrindo-lhe de par em par todas as portas da Ciência, [...]. Por que, então, os homens reservariam para si o monopólio, senão por medo de vê-las ganhar em superioridade? [...] Que o homem destrua as barreiras que seu amor-próprio opõe à emancipação da mulher e logo a verá alçar o seu vôo, com grande vantagem para a sociedade (Kardec, 1867, pp. 234-236, grifos nossos).

Ainda nesse mesmo texto, Kardec relativizou o exercício de determinadas atribuições de acordo com o gênero, nas quais ambos os sexos não poderiam cumprir eficazmente, pois seriam decorrentes do afastamento de características naturais que estariam presentes no corpo material. Segundo Arribas (2019; 2020), embora também pregasse a igualdade de direitos políticos (sufrágio universal), as obras de Kardec, por vezes, recorreram a um discurso biologicista que

associava elementos anatômicos a comportamentos e papéis sociais. Apesar do mencionado por Arribas, o professor Rivail, mesmo antes de se tornar Kardec, apresentava uma visão bastante progressista para sua época. A fundamentação para esse argumento é encontrada no *Projeto de Reforma* (Rivail, 1847), apresentado ao governo francês. Nesta obra, Rivail propôs alterações no sistema educacional vigente, destacando a importância da realização de exames para jovens mulheres, preparando-as para o magistério. O projeto também propôs a possibilidade de certificação das mulheres na carreira de educadoras, permitindo-lhes exercer a profissão em espaços públicos, uma função que, na época, era praticamente restrita ao sexo masculino.

Para Kardec, o espiritismo deveria caminhar de par com o progresso, assim “jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará” (Kardec, 2013 [1869b], p. 40). Desta maneira, através do que chamou “ciência espírita”, Kardec (2019 [1865], pp. 48, 62, 92, 97,101, 111) mostrava que o espiritismo tinha uma visão progressiva e estava aberto ao diálogo com todas as ciências, inclusive as ciências sociais, que vieram a se estabelecer a partir do final do século XIX.

O espiritismo surgiu na França se insurgindo contra os dogmas religiosos, propondo uma doutrina científica-filosófica-moral e procurando não se caracterizar como uma nova religião (Kardec, 1869c, p. 199). Segundo o historiador Guillaume Cuchet (2012), o espiritismo apresentou-se como uma “revelação” de um tipo bastante particular, pois não emanava nem de Deus nem de deuses, mas de espíritos falíveis, por vezes enganadores, que, embora mortos, seriam “mais ou menos homens como quaisquer outros”. O destinatário da “revelação” teria a necessidade de verificar o conteúdo e afirmações, cruzá-las e discuti-las, “estando essa operação dependente, em última análise, do bom senso e da livre apreciação de cada um. Como o próprio Kardec admite, o risco de erro

e mistificação poderia ser reduzido, mas nunca completamente eliminado” (Cuchet, 2012, p. 150, tradução nossa).

Esse é um dos importantes diferenciais verificados entre o “método” ou “modelo kardecista” e a prática ou modelo do espiritismo no Brasil, onde a interação com o dito mundo espiritual passou a se dar em uma condição de subordinação e serviço, em uma relação de dependência e de subordinação hierárquica (Lewgoy, 2001; 2004).

Interpretações e práticas no espiritismo brasileiro

O espiritismo chegou ao Brasil ainda nos anos 1860 em um contexto social, político e religioso nada semelhante ao da França. O catolicismo era a religião oficial do Império e ofereceu forte resistência à nova doutrina que procurava se instalar no país. O processo de unificação dos espíritas ocorreu majoritariamente em torno da Federação Espírita Brasileira (FEB), entidade responsável pela institucionalização do espiritismo como uma nova religião, em meados do século passado. Com características que se distanciaram de uma postura mais progressista como a verificada na França, e que passou a disputar lugar no rol dos partícipes dos fornecedores de bens religiosos em solo nacional (Ribeiro Júnior, 2022). A figura do médium mineiro Francisco Cândido Xavier (1910-2002), aliada a sua enorme produção literária de origem mediúnica, foi fundamental para esse fenômeno e protagonismo da FEB (Lewgoy, 2001; 2004).

De acordo com Lewgoy (2004, p. 57-59), Chico Xavier (1910-2002) foi o responsável pelo desenvolvimento de um modelo próprio do espiritismo, com ênfase na “mediunidade com Jesus”, apresentando uma proposta sincrética e de oposição mais branda aos valores do catolicismo, do qual absorveu muito de seu *ethos* e crenças. Um sistema de dádivas convivendo com o sistema de “dívida cármicas” (Lewgoy, 2001, p. 72), com ênfase na caridade material, visando, simultaneamente, a evolução espiritual e a “graça” (Lewygoy, 2001, p. 72). Este modelo estava ligado a uma “estrutura religiosa formalmente federativa e

doutrinariamente ligada a uma visão corporativista de mundo social, próxima, portanto, do pensamento conservador que circulava na sociedade brasileira da primeira metade do século XX” (Lewgoy, 2001, p. 101). Chico Xavier consolidou no Brasil o estilo literário de livros mediúnicos: publicações psicografadas contendo “revelações” do mundo espiritual, que passaram a ser aceitas pelos adeptos como “verdades doutrinárias”. Sistema próprio que pode ser atribuído ao carisma do médium, detentor de um enorme capital religioso simbólico.

As orientações para a aplicação dos “critérios metodológicos” na averiguação das comunicações mediúnicas, defendidos por Allan Kardec (2013 [1866a], p. 22), deixaram de ser seguidas. Os encontros dos adeptos às questões sociais também se tornaram cada vez mais escassos, com adoção de posicionamentos mais conservadores absorvidos de um *habitus* católico e religioso amplamente enraizado nos brasileiros. O adepto deste hibridismo entre espiritismo e catolicismo foi chamado pelo cientista da religião André Andrade Pereira (2009, p. 114) de “espiritólico” (espírita-católico).

A temática sobre a sexualidade humana e, mais especificamente, a homossexualidade ganhou espaço somente nas décadas de 1960 e 1970, com as obras mediúnicas de Chico Xavier. Obras como *Sexo e Destino* (1963), psicografada por Chico Xavier e Waldo Vieira, e *Vida e Sexo* (1970), de Chico Xavier (pelos ditos espíritos André Luiz e Emmanuel, respectivamente) foram as primeiras a elaborar o “sexo” de um ponto de vista espírita de forma mais detida, relacionando-o a mediunidade, reencarnação, livre-arbítrio, ética e relações de parentesco. As obras surgem em um momento de busca de respostas às transformações nos códigos de comportamento durante a revolução sexual (Arribas, 2020).

Nas décadas subsequentes, discussões na sociedade brasileira resultaram em diversas iniciativas centradas na temática da sexualidade. O Conselho Federal de Medicina removeu em 1985 o “homossexualismo” da classificação de

doenças. Na década de 1990 a homossexualidade foi retirada da lista de doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS). Desde os anos 2000, devido à influência dos debates, novas obras espíritas foram publicadas, assinadas por intelectuais e médiuns que buscaram interpretar os temas à luz do espiritismo.

A partir desse momento, surgem alguns romances apresentando protagonistas que experienciam relacionamentos homoafetivos, cujos autores debatem a temática dialogando com várias áreas do conhecimento. Autores como Andrei Moreira (*Transexualidade sob a ótica do espírito imortal*, de 2015 e *Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal*, de 2012), Walter Barcelos (*Homossexualidade, reencarnação e vida mental*, de 2014), Gibson Bastos (*Além do rosa e do azul: recortes terapêuticos sobre a homossexualidade*, de 2012), e Regis Moreira (*Sexo e sexualidade: visão espírita*, de 2015), buscaram integrar princípios espíritas com conhecimentos científicos (psicologia, psiquiatria, psicanálise, ciências biológicas). Outros autores, também se preocuparam em trazer sob a ótica espírita as novas configurações e entendimentos sobre gênero e sexualidade, entre eles, merece destaque o médium Divaldo Pereira Franco, autor de *Sexo e obsessão* de 2002 (Arribas, 2019; 2020).

Pereira (2023) destaca outras obras e autores que abordam o referido tema, como *Sexo e consciência*, de 2016 e *Amor e sexualidade: a conquista da alma*, de 2018, compilações que reúnem textos e discursos de Divaldo Franco ao longo da sua vida e organizadas por Luiz Fernando Lopes. *Sexualidade e saúde espiritual: reflexões sobre sexo, sexualidade e sexualismo* de Alírio Cerqueira Filho, publicada em 2014; e *A visão Espírita da Homossexualidade: Quais os fatores que levam uma pessoa a sentir atração por outra do mesmo sexo? Como lidar com o homossexual?* do médico Vieira de Souza, publicado em 2003.

Interpretações da Homossexualidade

A homossexualidade, mencionada apenas brevemente por Kardec como uma possível "anomalia", tornou-se um tema de maior discussão no espiritismo

brasileiro, especialmente a partir das obras de Chico Xavier. Algumas interpretações contemporâneas, como as abordadas no artigo de Guimarães (2017), sugerem que, no âmbito do espiritismo, há uma visão da sexualidade que trata as não heterossexualidades como normais, "despatologizando-as", distanciando-se de discursos religiosos tradicionais que as consideram pecado ou degeneração moral. Essa perspectiva emerge em contraste com o discurso religioso cristão hegemônico. No entanto, outras interpretações, presentes nas obras espíritas, tratam a homossexualidade frequentemente relacionando-a a questões de vidas passadas.

A homossexualidade, também hoje chamada transexualidade, em alguns círculos de ciência, definindo-se, no conjunto de suas características, por tendência da criatura para a comunhão afetiva com uma outra criatura do mesmo sexo, não encontra explicação fundamental nos estudos psicológicos que tratam do assunto em bases materialistas, mas é perfeitamente compreensível, à luz da reencarnação (Xavier, 1970, p. 41).

Segundo o sociólogo Francisco Jomário Pereira (2020), que fez uso de uma autoetnografia e da "Análise do Discurso" para estudar os textos de Kardec e obras de Chico Xavier e Divaldo Franco, com representações de sexo e sexualidade, uma característica observada na forma como o espiritismo brasileiro aborda esta temática, especialmente a não normativa, é a estratégia de discutir o tema de forma "transversal" ou diluída. Em vez de obras ou discursos dedicados exclusivamente à sexualidade, os assuntos são frequentemente "inseridos, enxertados em livros que versam sobre outros temas" (Pereira, 2020, p. 19), como família, amor ou reencarnação. O pesquisador nomeia essa forma de abordagem de "homeopática", pois dissolve o tema em assuntos menos polêmicos. Essa diluição é vista como uma estratégia para evitar embates diretos ou a exposição exacerbada do tema, que possa "estimular atos que não são bem-vistos por alguns doutrinadores" (Pereira, 2020, p. 142).

O silêncio aparente em torno de determinada temática é considerado oportuno e racionalmente pensado. A análise de textos do *Reformador*, periódico centenário da FEB, mostrou que a temática “sexo” e “sexualidade” aparece raramente de forma destacada. A dificuldade em encontrar informações explícitas na comunicação institucional sugere um controle sutil ou “silenciamento” (Pereira, 2020; 2023).

Não existe silêncio, mas um processo de silenciamento racional: se escolhe quem e onde se pode falar sobre o tema, ou seja, tratar sobre a sexualidade/homossexualidade, de modo a relacioná-la a outros temas, especialmente, atrelando-a a preservação da família, tendo o amor como condição para a prática sexual, bem como a evolução ligada à sublimação: quem não sublima, não evolui. Isso, de forma discreta, não ocasionando choques e conflitos, pois, se não existe debate, não existe publicidade, não existe confronto e, assim, não existe preconceito. O próprio Divaldo Franco assume usar essa estratégia ao tratar sobre o sexo, pois busca não provocar a excitação dos seus leitores. Nesse sentido, [...] existem sujeitos autorizados a falar sobre o tema: os intelectuais, os dirigentes e os médiuns. Não é qualquer sujeito que pode falar, nos momentos públicos e privados, na Casa espírita. Divaldo Franco é um médium intelectual, aglutina duas formas de dominação (Pereira, 2020, p. 199, grifos nossos).

Para Pereira (2020), a FEB, como a principal responsável pela doutrina do espiritismo brasileiro, ampara de forma especial Chico Xavier e Divaldo Franco, como os escolhidos para condução da doutrina. De forma irrestrita, “a FEB seleciona e divulga os temas, afastando dos holofotes os debates polêmicos, consolidando os mais tradicionais, como os da família e reencarnação” (Pereira, 2020, p. 141).

Em suas abordagens sobre sexualidade, Divaldo Franco e Chico Xavier concluem que na perspectiva espírita a energia sexual deve ser direcionada para o ato de procriação (reprodução). Até esse ponto, tal perspectiva corrobora com a ideia católica de criação da vida. Porém, o espiritismo amplia essa ideia,

incorporando outros aspectos, atrelando o ato sexual a um projeto de vida, em que ocorra a sublimação deste, ou direcionando essa energia para as artes, a música, a literatura ou o trabalho (Pereira, 2020, pp. 105-106). Desta maneira, a partir da instituição de um discurso que abraça a “normalidade” do homossexual, verifica-se a renegociação da hierarquia das sexualidades a partir da hierarquização dos próprios comportamentos sexuais, ou seja, “ser *gay* é natural e normal, mas sua conduta deve ser pautada na monogamia, sexo justificado pelo amor, bem como a vivência afetiva entre casais homoafetivos, mas sem a relação sexual” (Pereira, 2020, p. 200).

Em suas pesquisas, o sociólogo entende que o espiritismo, é mais receptivo aos homossexuais, porém, os discursos observados não são capazes de romper com o binarismo e sexismos, característicos da heteronormatividade, “muito menos com a necessidade de se regular as sexualidades que não se enquadram como ‘bom sexo’, o reprodutivo, capaz de criar vida, ocorrendo, de forma mais estrita, a sexualidade não heteronormativa” (Pereira, 2020, p. 201). Essa lógica asseguraria o convívio entre espíritas *gays* e os demais, não fazendo sumir representações de que *gays* são portadores de provas, expiações e sofrimentos, e vinculando o sexo homossexual como algo não natural. “Pode ser *gay*, mas não se pode viver a sexualidade *gay*” (Pereira, 2020, p. 200).

Um conceito frequentemente associado à homossexualidade no espiritismo brasileiro é a necessidade de sublimação da sexualidade. Figuras como Divaldo Franco enfatizam a importância da sublimação da sexualidade e da abstinência sexual, em especial, quando se trata da homossexualidade. A sublimação é vista como um caminho de elevação espiritual. Essa ideia da energia sexual sendo direcionada para fins “nobres” ou assistenciais confeririam legitimidade e autoridade moral a médiuns que, por exemplo, optam pelo celibato, como Chico Xavier e Divaldo Franco. Em algumas visões, “guardar-se

no armário" pode significar cumprir uma expiação, sofrendo preconceitos pacientemente (Arribas, 2019; 2020; Pereira, 2020).

O sexo, na Terra, ainda é instrumento de alucinação, quando deveria ser abençoado mecanismo de vida, construindo corpos que se transformam em oficinas de iluminação e escolas de sublimação para os Espíritos em processo de crescimento na direção de Deus (Franco, 2002, p. 111).

Face aos processos evolutivos, muitos Espíritos transitam na condição homossexual, o que não lhes permite comportamentos viciosos [...]. Jamais, porém, se deve esquecer que o sexo, como qualquer outro órgão que constitui o corpo, foi elaborado para a vida (Franco, 2002, p. 115).

Divaldo Franco se colocou em 2018 no centro de um importante debate, quando afirmou no 34º Congresso Espírita do Estado de Goiás que “Ideologia de Gênero” seria uma produção comunista, “uma alucinação psicológica da sociedade” (Pereira, 2023). Em resposta, espíritas que se autodenominam “progressistas” organizaram um abaixo-assinado tornando públicas suas divergências, elaborando e assinando também o “Manifesto por um Espiritismo Kardecista Livre” e o “Manifesto de Espíritas Progressistas por Justiça, Paz e Democracia” (Arribas, 2019; 2020). A postura conservadora de Divaldo, se alinhando ao pensamento de outras tradições religiosas, chamou a atenção de pesquisadores. Camurça (2021) também se manifestou sobre o entendimento do médium de que “ideologia de gênero” seria uma “imoralidade ímpar” e “aberração” orquestrada por um “marxismo disfarçado”. Divaldo (*apud* Camurça, 2021, pp. 139-140) afirmou que ele teria sido inserido no Ministério da Educação em um “passado muito recente” para inocular nos estudantes “a ausência de qualquer princípio moral”.

Em total consonância com a postura católica/carismática e evangélica-pentecostal que impulsionou um movimento acirrado contra as políticas públicas de educação sexual dos

governos Lula e Dilma, Divaldo classificou o material didático de 'cartilhas depravadas', resultado de ação urdida pela conjugação 'marxista' e de 'gênero'" (Camurça, 2021, p. 140).

Para Pereira (2023), o médium Divaldo Franco está inserido entre os autores que compartilham da ideia do heterossexismo, com um discurso norteado por uma heterossexualidade compulsória, modelo das relações amorosas e sexuais. Segundo Divaldo, os homossexuais devem acatar sua condição de forma recatada, resguardando seus sofrimentos e preconceitos que possam vir a ter. Outro autor espírita analisado por Pereira foi Alírio de Cerqueira Filho, também enxergado como "capacitado" para debater o tema sexualidade/homossexualidade no contexto do movimento espírita. O pesquisador entende que ambos divulgam os comandos criados pelo dispositivo da sexualidade, nos quais a lógica do amor sublimado é imperativa: "é homossexual e não consegue sublimar a sexualidade? Case-se, constitua família, compre uma casa, viva uma união estável, crie laços afetivos, mas que não sejam necessariamente laços sexuais" (Alírio de Cerqueira Filho *apud* Pereira, 2023, p. 15).

Autores, como Alírio, chegam a distinguir entre "homossexualidade" (a condição, a orientação) e "homossexualismo" (a prática), considerando esta última "totalmente contornável", uma transgressão da conduta moral proposta, alinhando-se a uma norma social que vê a heterossexualidade monogâmica como ideal. O sufixo "ismo" reforça negativamente o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo. Essa distinção e a ênfase na sublimação para homossexuais são vistas como parte de um "arcabouço moral e/ou ético" que define o que seria uma "vivência correta da sexualidade". Divaldo Franco e Alírio de Cerqueira Filho, embora não patologizem a homossexualidade em si, focam na "educação" das energias sexuais e no controle dos desejos (Pereira, 2020; 2023).

A forma como a doutrina é interpretada e vivida pelos adeptos espíritas pode divergir das representações oficiais ou predominantes. Pesquisas com homens *gays* espíritas indicam que, embora suas percepções coadunem em parte com as doutrinárias, existem resistências que mostram que a subjetividade do indivíduo interfere e ajuda a ressignificar conceitos e práticas religiosas. Alguns dos entrevistados nos estudos de Pereira (2020; 2023) percebem que as obras de Kardec do século XIX não abordam a homossexualidade explicitamente. Entretanto, eles interpretam a falta de discussão atual como uma escolha estratégica para evitar conflitos.

Diálogo com a ciência e tensão entre visões

O espiritismo kardecista historicamente procurou dialogar com a ciência, particularmente as ciências exatas e biológicas, para explicar fenômenos como mediunidade ou fluidos. No entanto, a discussão sobre gênero e sexualidade no espiritismo brasileiro tem se beneficiado de um diálogo mais recente e aberto com as ciências humanas e sociais, especialmente por parte de espíritas ditos progressistas. Segundo o médico espírita Andrei Moreira (2012), em geral se observa uma abordagem discriminatória e superficial pelo movimento espírita em relação aos homossexuais e a homossexualidade. Moreira entende ser isso compreensível, pois todo meio religioso lida com idealizações e preconceitos seculares, entretanto, tal comportamento poderia ser modificado por meio do que recomenda Allan Kardec: “estudo sério e aprofundado de um tema para que se possa opinar sobre ele. É lamentável que nós, adeptos de uma fé raciocinada, nos permitamos o mesmo comportamento dos religiosos fundamentalistas” (Moreira, 2012, p. 1). Autores, como Andrei Moreira, explicitamente utilizam conceitos e pesquisas da psicologia, psiquiatria, psicanálise e ciências biológicas (análises hormonais, genéticas, anatômicas, cognitivas) em suas obras sobre sexualidade e transexualidade (Arribas, 2019; 2020).

Essa integração, no entanto, não ocorreu sem tensões. O espiritismo brasileiro apresenta uma pluralidade de visões sobre gênero e sexualidade, que estruturam um complexo campo de debates. Há uma divisão entre os chamados espíritas "conservadores" e "progressistas". Um exemplo marcante é a postura adotada pelo líder espírita Divaldo Franco, cuja visão reforça que a única ideologia de gênero existente e hegemônica é heteronormativa (Arribas, 2020; Pereira, 2020). Em contraste, os espíritas com visão progressista buscam reinterpretar a doutrina à luz da "fé raciocinada" que "pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas", dialogando com as ciências humanas e sociais para entender gênero e sexualidade como construções culturais. Essa vertente questiona o modelo teórico predominante de interpretação da homoafetividade e propõe reflexões novas (Arribas, 2019; 2020).

A comparação entre os textos de Kardec e as abordagens brasileiras revela uma evolução significativa na discussão sobre gênero e sexualidade dentro do espiritismo. Kardec, em seu contexto do século XIX, lançou as bases doutrinárias ao afirmar que espíritos não têm sexo físico e reencarnam em diferentes corpos para aprender e progredir. Ele também tocou em questões de igualdade de direitos para as mulheres, embora suas visões sobre papéis sociais ainda refletissem influências biologicistas da época, e conceitos como identidade de gênero e diversas orientações sexuais não eram constructos teóricos discutidos formalmente em sua obra principal, como já abordado.

O espiritismo brasileiro, particularmente a partir das décadas de 1960/70, começou a abordar a sexualidade de forma mais detida, impulsionado pelos debates sociais e científicos da época. As obras de Chico Xavier, Divaldo Franco e outros, se tornaram referências que reinterpretam e expandem as bases kardequianas. A reencarnação em diferentes sexos para o aprendizado é mantida, mas as supostas "anomalias" brevemente mencionadas por Kardec são ressignificadas por alguns autores como consequências de desequilíbrios de

vidas passadas ou desalinhamentos entre psiquismo e corpo físico, especialmente no que tange à homossexualidade. A principal diferença na forma de abordagem reside na profundidade e especificidade da discussão. Enquanto Kardec tratou o tema do sexo do espírito em poucas perguntas diretas, o espiritismo brasileiro desenvolveu um corpo de literatura, embora utilizando frequentemente a já mencionada estratégia "homeopática" ou transversal. Essa maneira de proceder, juntamente com a distinção entre condição e prática ("homossexualidade" *vs.* "homossexualismo") e a ênfase na sublimação, demonstra um esforço para conciliar a doutrina com as normas sociais e morais conservadoras predominantes, muitas vezes reforçando a heteronormatividade como ideal.

Se Kardec baseava sua "ciência" nas observações mediúnicas e no consenso dos espíritos, comparando-as com as ciências de sua época, prevendo a progressividade de seus próprios conhecimentos através de novas pesquisas, a maioria dos livros e romances espíritas brasileiros apresenta uma visão unilateral ou de simples opiniões de ditos espíritos (ou médiuns), sem maiores análises por parte dos leitores espíritas, que aceitam os conteúdos como "verdades reveladas". Essa incorporação à base literária espírita, no entanto, tem sido fonte de tensão para estudiosos do espiritismo. O conteúdo da maioria das obras brasileiras tem gerado polarização entre visões conservadoras, que mantêm discursos essencialistas e biologicistas, e visões ditas progressistas, que buscam abordagens mais inclusivas e baseadas em constructos culturais, procurando se fundamentar também em princípios existentes nas obras originais kardecistas.

A realidade no Brasil: desvios do ideal igualitário

Na sua essência, a doutrina espírita, fundamentada na crença na reencarnação, postula a igualdade fundamental entre os espíritos. Os espíritos, como seres em progresso, não possuem sexo em sua natureza, e a experiência em corpos masculinos e femininos é vista como necessária para a evolução completa,

tanto intelectual quanto moral. Para o espiritismo, as diferenças anatômicas do corpo físico não determinam as faculdades intelectuais ou emocionais, pois estas pertenceriam ao “espírito imortal” (Kardec, 2018 [1860], p. 24). Além da igualdade de natureza, a doutrina espírita, inicialmente concebida como uma suposta ciência e filosofia na França, e antes de se institucionalizar no Brasil como religião, poderia, em tese, oferecer maior liberdade para as mulheres atuarem no interior dos agrupamentos, seja estudando, trabalhando como médiuns ou desempenhando a coordenação desses grupos.

Um exemplo desse entendimento é verificado antes da institucionalização do espiritismo como religião, quando analisamos o XVIII Congresso Espírita e Espiritualista Internacional. Realizado no Rio de Janeiro em 1922 por iniciativa de Affonso Angeli Torteroli, um dos fundadores da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, da Academia Espírita de Ciências e da Confederação Espírita Brasileira, entidades do final do século XIX e início do seguinte que entendiam o espiritismo de maneira muito próxima ao idealizado por Allan Kardec. O congresso, realizado no período de 28 de agosto a 21 de novembro, teve ampla participação de mulheres não só como congressistas, mas também na presidência e coordenação das diversas mesas de trabalhos, inclusive nas sessões de abertura e a de encerramento dos trabalhos. Atualmente, o movimento espírita praticamente desconhece a existência deste importante evento, em um nítido processo de apagamento, não só da memória de Angeli Torteroli, mas dessas mulheres que tanto atuaram nos primórdios do movimento espírita no início do século XX (Ribeiro Júnior, 2022).

Apesar dos pressupostos dos textos kardecistas, e de iniciativas como o citado congresso, o espiritismo no Brasil, especialmente a partir do período da *Belle Époque* Carioca (1889-1922), alinhou-se a discursos hegemônicos e acabou por legitimar um discurso de submissão da mulher. Ao se institucionalizar e se difundir sob a liderança da FEB como uma religião, sob a influência de

representações presentes no catolicismo, o movimento espírita brasileiro intensificou o argumento sobre a função primordial da maternidade, sustentando que a finalidade da existência da mulher se encontrava nessa missão. Essa postura limitou a participação social da mulher, condenando qualquer afastamento do exercício da maternidade e do cuidado do lar. Para ilustrar esse fenômeno, textos divulgados pela FEB chegavam a criticar abertamente o feminismo e a busca por independência feminina, reafirmando a mulher como "rainha do lar" e argumentando que "a mulher, verdadeiramente mulher" nunca poderia ser inteiramente livre, estando sempre sujeita a pais, esposos e filhos, e da sociedade (Messias, 2013, p. 197).

Em um folheto publicado pela Federação Espírita Brasileira, em 1917, *A mulher no lar e na sociedade*, a autora (uma mulher), Idalinda de Aguiar Mattos, faz um chamado às mulheres espíritas para seu dever "moralizador" e "sacrificial" em benefícios dos filhos e do marido, e, por conseguinte, de toda a sociedade. Apresenta todas as nuances da "imensa" responsabilidade da mulher como esposa, dona de casa e mãe, na condução do lar, assim como na educação de filhos saudáveis, "bons" cidadãos e cristãos tementes (Messias, 2013, pp. 195-196, grifo da autora).

Outro exemplo é encontrado no *Reformador* (FEB, 1922, p. 458), onde se registra que a mulher "deverá ser a rainha do lar, o anjo de ternura é sacrifício". Esse tipo de entendimento ajudou a distanciar os espíritas dos debates no campo social e político, implicando um afastamento gradativo e rigoroso de qualquer movimento social contestador. Em 1934, a FEB publicou um opúsculo intitulado "Espiritismo e Política". Nessa obra, a entidade apresentou o seu posicionamento na defesa do afastamento dos espíritas da política (Sá, 1934, pp. 540-541; Nou, 1935, pp. 206-207). A postura levou a entidade a cancelar a filiação de sociedades espíritas que se engajavam em atividades políticas (Giumbeli, 1997, p. 311). Outro exemplo que caracteriza o não enfrentamento direto a questões sociais ou,

como conceituou Pereira (2020; 2023), de um controle sutil ou “silenciamento”, pode ser encontrado no texto do *Reformador* de setembro de 1985 (De Souza, 1985).

[...] a Doutrina Espírita, antes de qualquer preocupação com a organização social no mundo, volta suas vistas, em primeiro lugar, para o homem [...]. As questões sociais, na sua complexidade, envolvem carmas coletivos e individuais. Grande é a responsabilidade das autoridades governamentais e das populações, sem dúvida, no encaminhamento das soluções dos problemas. *É preciso reconhecer, entretanto, que o Espiritismo e seu Movimento não podem incidir nos erros de outras doutrinas e movimentos, reivindicando para si os poderes temporais transitórios.* [...] O Espiritismo tem outro papel, muito mais profundo e importante. [...] *Não lhe compete interferir diretamente nas instituições, nos partidos, nos governos* (De Souza, 1985, pp. 260-261, grifos nossos).

Um espiritismo laico e filosófico, com um projeto de mudança social e questionamentos sobre a desigualdade de gênero, não foi legitimado nem difundido pela FEB. A historiografia do espiritismo tem sido marcada por um grande silenciamento da participação feminina. Os documentos produzidos por homens muitas vezes retrataram as mulheres de forma passiva e vitimizada, sem reconhecer suas formas de resistência. A história oficial do espiritismo, em sua maior parte construída por mãos masculinas, também evidencia esse silenciamento, mencionando poucos nomes femininos, muitas vezes sem referência ou apenas como esposas de líderes (Messias, 2013).

Exemplos de resistência das mulheres espíritas

Embora o espiritismo institucionalizado no Brasil sob a liderança conservadora da FEB tenha se afastado do ideal emancipador kardecista francês em relação às mulheres, a doutrina em si e a prática espírita em outros contextos geraram figuras importantes na defesa da igualdade e emancipação feminina.

Um exemplo é a espírita catalã Amalia Domingo Soler (1835-1909), militante ativa pela emancipação da mulher e pela educação, sendo considerada importante para a origem do feminismo na Espanha no século XIX (Messias, 2013).

No Brasil, um exemplo de uma figura central e feminista na história da educação e do pensamento social e político é a espírita Anália Emília Franco (1853-1919). Educadora, normalista, escritora e colaboradora de diversos periódicos, seus artigos e obras tinham como temas principais a educação popular, o republicanismo democrático e, notavelmente, a emancipação feminina pela via da intelectualização e profissionalização das mulheres. Anália Franco é descrita como feminista, atuando em uma sociedade marcadamente patriarcal e buscando a extensão da cidadania feminina, em especial de seus direitos sociais e políticos. Ela fundou dezenas de instituições sócioeducacionais, como escolas, asilos e creches, através da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (AFBI), com o objetivo de transformar indivíduos desprovidos de direitos (não cidadãos ou cidadãos incompletos), como mulheres pobres, em cidadãos plenos através da educação popular. Anália Franco também teve uma atuação significativa na imprensa pedagógica feminista, fundando periódicos como *O Álbum das Meninas* (dedicado ao público feminino) e *A Voz Maternal*, colaborando também com outras revistas feministas importantes.

Essa atuação na imprensa servia como meio de propaganda para suas ideias e instituições, e para a denúncia política das ausências do Estado brasileiro frente aos direitos de crianças pobres e mulheres marginalizadas. Seu projeto pedagógico visava ampliação do acesso ao espaço público laboral e intelectual de mulheres, redefinindo a figura maternal para incluir atividades intelectuais e laborais fora do lar, promovendo o "empoderamento por via das letras" (De Menezes, 2023).

No campo da literatura espírita, praticamente dominado por autores do sexo masculino, algumas mulheres se destacaram na produção de romances de

cunho espírita/espiritualista. Seguindo os passos de Amalia Domingo Soler na Espanha, a partir dos anos 1950, houve um crescimento significativo de romances mediúnicos de grande tiragem escritos por mulheres espíritas brasileiras. Ivone Pereira, Zibia Gasparetto e Marilusa Moreira Vasconcellos podem ser destacadas como as mais prolíficas autoras nesse gênero. Zibia Gasparetto, matriarca da família, é uma das autoras mais vendidas e famosas do gênero romance espírita/espiritualista. Zibia Gasparetto é apresentada como uma figura que realizou uma "virada espiritualista", misturando interpretações do espiritismo com tradições orientais (budismo, hinduísmo), práticas como cromoterapia e uso de cristais, e flertando com a autoajuda e a Nova Era. Sua família fundou uma das principais editoras de livros espíritas do país (Vida & Consciência), sendo criticada pela ortodoxia espírita dominante, em contraste com figuras como Chico Xavier e Divaldo Franco e suas obras *best sellers*, pelo uso de capital econômico gerado pela produção dos livros (Rossi, 2022).

Para Arribas (2019; 2020), as mulheres que obtêm reconhecimento e assinam produções mediúnicas são associadas à sensibilidade e sensibilidade, em contraste com os homens, mais numerosos na produção autoral/intelectual. Segundo Arribas (2020), atualmente nas instituições federadas à FEB, os homens tendem a ocupar a maioria dos postos em trabalhos intelectuais, cargos administrativos e cargos de direção, enquanto as mulheres desenvolvem outros tipos de atividades. A pesquisadora cita alguns exemplos: como a "evangelização" de crianças e jovens; trabalhos nas cantinas, livrarias, secretaria, limpeza; e notavelmente, no "acolhimento", que pode ser entendido como um receptivo de escuta prévia de pessoas que buscam algum tipo de ajuda espiritual e que são colocadas "portas adentro" nos centros espíritas; função legada na maioria das vezes à esfera feminina.

Considerações finais

As discussões sobre gênero e sexualidade no espiritismo brasileiro são uma complexa trama elaborada a partir das bases doutrinárias lançadas por Allan Kardec e influenciada pelas mudanças sociais e científicas ao longo do tempo. Kardec introduziu a ideia fundamental da natureza assexuada do espírito e do propósito reencarnatório de experimentar diferentes gêneros para o aprendizado e progressão do ser espiritual, além de defender a igualdade de direitos para as mulheres. No Brasil, a doutrina se institucionalizou como uma nova religião e desenvolveu abordagens mais detalhadas sobre a sexualidade, especialmente a não normativa, impulsionada por médiuns e autores proeminentes. Essa evolução, no entanto, é marcada por diversidade de interpretações, tensões internas e a adoção de estratégias discursivas como a citada "homeopatia". A homossexualidade, em particular, é frequentemente ligada a questões de vidas passadas e à necessidade de sublimação. Enquanto alguns espíritas brasileiros buscam alinhar a doutrina com visões mais progressistas e científicas que reconhecem a construção social de gênero e a normalidade da diversidade sexual, outros mantêm interpretações mais conservadoras, baseadas em discursos biologicistas e críticas a conceitos modernos. A posição institucional febianiana parece refletir essa cautela, abordando temas sensíveis de forma sutil e controlada. A experiência dos adeptos não ligados à instituição sugere a interação entre a doutrina e a subjetividade pessoal, resultando em ressignificações e resistências.

A análise comparativa evidencia que, embora Kardec tenha fornecido o arcabouço inicial, as interpretações e práticas deste grupo religioso no Brasil expandiram e complexificaram a discussão sobre gênero e sexualidade, refletindo o diálogo (e, por vezes, a tensão) entre a tradição doutrinária, novas obras mediúnicas, o conhecimento científico e o contexto sociocultural em constante transformação. A homossexualidade é geralmente concebida como

uma condição natural e normal, frequentemente explicada por aspectos da reencarnação, história do espírito, ou o jogo de polaridades inerentes a ele. A condenação recai sobre o comportamento sexual considerado imoral ou desregrado, independentemente da orientação. Entretanto, verifica-se no meio espírita uma estratégia discursiva de diluição e disciplinamento do tema sexualidade, evitando debates abertos e públicos.

Da mesma maneira, o silenciamento da participação feminina parece ser uma realidade que, aliado aos recentes debates sobre sexualidade, tem gerado também tensões e diversidade de posicionamentos. Apesar da predominância de uma estrutura patriarcal nas atividades desenvolvidas entre homens e mulheres nos contextos das instituições espíritas, a discussão sobre gênero, embrionária em Kardec, tem se desenvolvido com autores contemporâneos. Adeptos com ideias mais progressistas têm buscado integrar os estudos de gênero para repensar papéis e sexualidade como construções culturais, em contraste com visões conservadoras ainda predominantes.

O artigo contribui para a discussão de uma temática ainda pouco explorada no contexto acadêmico, relacionada a essa tradição religiosa, na qual são escassos os trabalhos, especialmente aqueles desenvolvidos por cientistas da religião. O presente estudo enfrenta a limitação de uma quantidade reduzida de pesquisas envolvendo os espíritas, apesar de constituírem um dos maiores grupos religiosos do país. Estudos adicionais no âmbito da Ciência da Religião que problematizem questões de gênero e pesquisas de campo sobre espíritas LGBT+ são necessários para um mapeamento e compreensão mais aprofundados de como essas questões são discutidas e estruturadas na prática pelos adeptos desta tradição religiosa.

REFERÊNCIAS

ARRIBAS, Célia da Graça. O sexo dos espíritos: gênero e sexualidade no espiritismo. *Revista USP*, São Paulo, n. 121, pp. 97-108, abril/maio/junho 2019.

ARRIBAS, Célia da Graça. Política, gênero e sexualidade: controvérsias espíritas entre progressistas e conservadores. *Contemporânea*, v. 10, n. 2, pp. 613-638, Maio-Ago., 2020.

CAMURÇA, Marcelo. Conservadores x progressistas no espiritismo brasileiro: tentativa de interpretação histórico-hermenêutica. *Plural*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.28.1, jan./jun., 2021, p.136-160.

CUCHET, Guillaume. *Les voix d'outre-tombe*. Paris: Éditions du Seuil, 2012.

DE MENEZES, Lucas Mariel de Carvalho Carnaúba. O pensamento político educacional democrático de Anália Franco. *II ESHE – Encontro Sergipano de História da Educação*, Aracaju, V.2, N.2, 2023, p. 325.

DE SOUZA, Juvanir Borges. Questões sociais. *Reformador*. Rio de Janeiro, set. 1985, ed. 1878, pp. 259-261. Disponível em: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/34195>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FEB. Pela Creança. *Reformador*. Rio de Janeiro, nov. 1922, ed. 21, pp. 457-459. Disponível em: 12 set. 2025.

FRANCO, Divaldo Pereira. *Sexo e Obsessão*. Catanduva: Leal, 2002.

GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos Mortos: Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 1997.

GUIMARÃES, Fernando Augusto de Souza. A homossexualidade sob a luz do espiritismo: uma análise discursiva da explicação kardecista sobre a sexualidade humana. *XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología*, Montevideo, 2017. Disponível em: <https://cdsa.academica.org/000-018/2690.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

KARDEC, Allan. *Instruction Pratique sur les Manifestations Spirite*. Paris: Au Bureau de la Revue Spirite, 1858a.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*, 1858b. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Disponível em <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf>. Acesso em 25 abr. 2025.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra a partir da 2ª (1860), 4ª, 5ª, 6ª, 10ª e 12ª edições francesas. Brasília: FEB, 2018. Disponível em <https://cei-spiritistcouncil.com/wp-content/uploads/2020/07/2-O-Livro-dos-Espíritos-CEI.pdf>. Acesso em 25 abr. 2025.

KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo: introdução ao conhecimento do mundo invisível, pelas manifestações dos Espíritos* (1865). Tradução de Evandro Noleto

Bezerra. Brasília: FEB, 2019. Disponível em: <https://cei-spiritistcouncil.com/wp-content/uploads/2020/07/4-O-que-é-o-espiritismo-CEI.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2025.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, [tradução de Guillon Ribeiro Jr. da 3. ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866a. Brasília: FEB, 2013. Disponível em <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/O-evangelho-segundo-o-espiritismo.pdf>. Acesso em 25 abr. 2025.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*, 1866b. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Disponível em <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1866.pdf>. Acesso em 25 abr. 2025.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*, 1867. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Disponível em <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1867.pdf>. Acesso em 25 abr. 2025.

KARDEC, Allan. *Catalogue Raisonné des ouvrages pouvant servir a former une bibliothèque spirite*, Paris, 1869a. Disponível em <https://www.allankardec.online/uploads/pdf/2001993150608c16c59a6489.05621072.pdf>. Acesso em 25 abr. 2025.

KARDEC, Allan. *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra da 5ª ed. francesa de 1869b. Brasília: FEB, 2013. Disponível em https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/A-genese_Noleto.pdf. Acesso em 25 abr. 2025.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*, 1869c. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Disponível em <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1869.pdf>. Acesso em 25 abr. 2025.

LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier e a cultura brasileira. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2001, V. 44 n° 1.

LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e cultura brasileira*. Bauru: EDUSC, 2004.

LÓPEZ, Rodrigues. *Gênero e Sexualidade: Amores homossexuais no século XIX*. Tradução: Mauro Sala. *Esquerda Diário*, 27 jun. 2016. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Amores-homossexuais-no-seculo-XIX#:~:text=O%20c%C3%B3digo%20openal%20da%20Revolu%C3%A7%C3%A3o,%2C%20Portugal%2C%20Rom%C3%AAnia%20e%20Espanha>. Acesso em: 28 abr. 2025.

MESSIAS, Maria Cláudia Novaes. *Tramas femininas na Belle Époque carioca: entre anarquistas e espíritas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

MOREIRA, Andrei. A Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal: entrevista com Andrei Moreira, 11 de jan. de 2012. *Associação Médica-Espírita de Minas Gerais*. Disponível em: <https://amemg.com.br/blog/%E2%80%9Ca-homossexualidade-sob-a-otica-do-espírito-imortal%E2%80%9D-entrevista-com-andrei-moreira/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

NOU, Rodrigues. Espiritismo e política. *Reformador*, Rio de Janeiro, ed. 9 maio 1935. FEB. Disponível em: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/17142>. Acesso em: 12 set. 2025.

PEREIRA, André Andrade. *A plausibilidade da ordo amoris espírita no contexto da crise ética contemporânea*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2009.

PEREIRA, Francisco Jomário. *Transar pode, mas você não deveria: a representação da homossexualidade no discurso espírita brasileiro*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020.

PEREIRA, Francisco. Representações da homossexualidade no Espiritismo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 38 n^o 111, e3811000, 2023.

RIBEIRO, Laura; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. *Psicologia & Sociedade*, 29, e162267, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i162267>. Acesso em: 25 abr. 2025.

RIBEIRO JÚNIOR, Adair. *A obra esquecida de Angeli Torteroli, o espiritismo no Brasil e em Portugal*. 1^a edição. São Paulo. CCDPE-ECM, 2022.

RIVAIL, H. L. D. *Projet de reforme concernant les examens et les maisons d'éducation des jeunes personnes*. Paris: Chez l'auteur, Rue Mauconseil, 18, 1847. Disponível em: <https://allankardec.online/projet-de-reforme-concernant-les-examens-et-les/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

ROSSI, Emerson. O romance mediúnico (espírita e espiritualista) é sempre heterossexual? *Mandrágora*, v.28, n. 1, 2022, p. 71-103.

SÁ, Alberto. Espiritismo e Política. *Reformador*. Rio de Janeiro, ed. 20, 10 out. 1934. FEB. Disponível em: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/52198>. Acesso em: 12 set. 2025.

XAVIER, Francisco Cândido. *Vida e sexo*. Rio de Janeiro: FEB, 1970.